



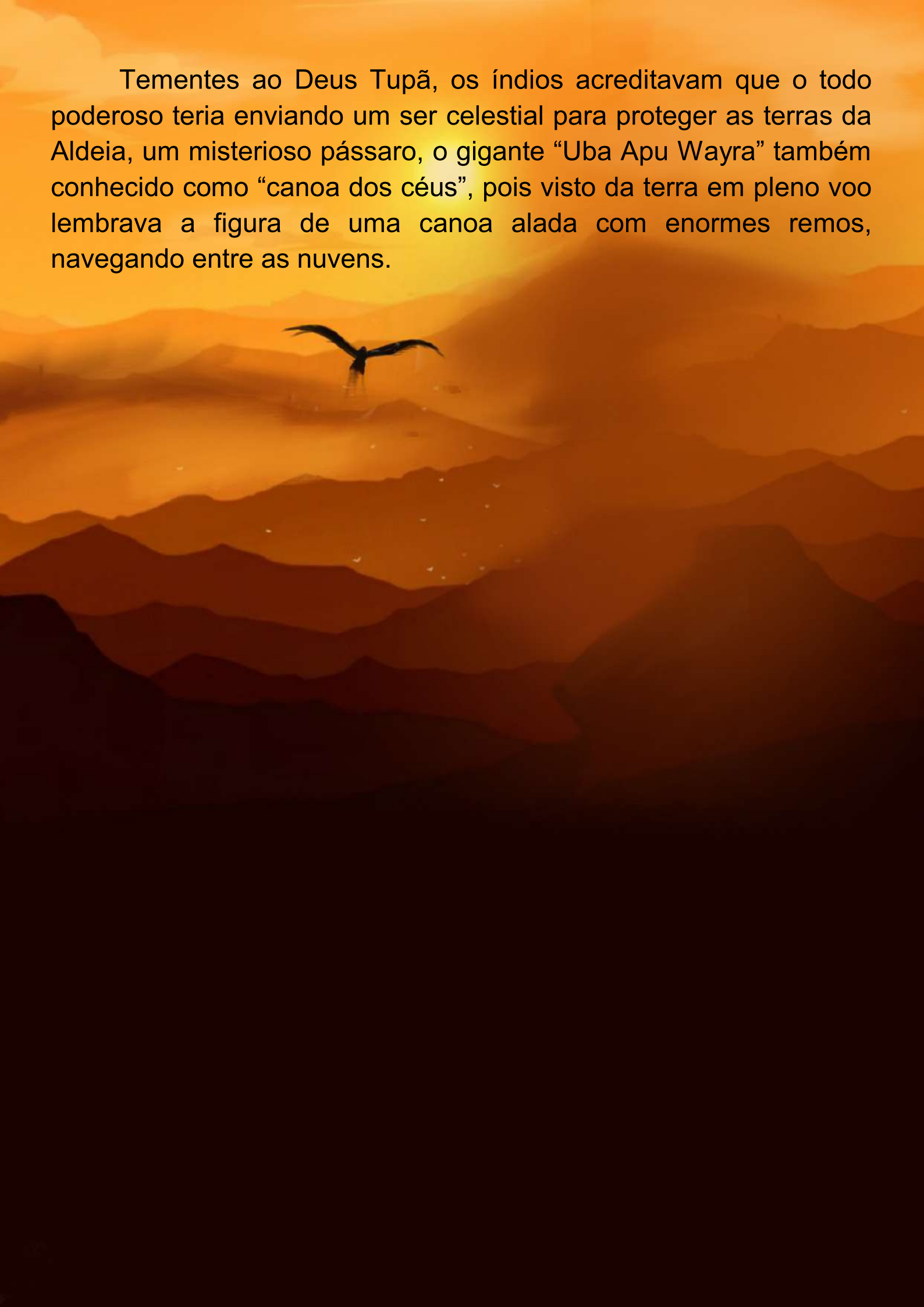
**O MISTÉRIO DA GRUTA ENCANTADA**

(Capa)

Na majestosa Ibiapaba, terra das neblinas, havia entre as nações indígenas uma famosa tribo conhecida como Tibiriçá que significa sentinela da serra. A serrania era conhecida como a terra do temido cacique Ubirajara, o senhor da lança, chefe guerreiro que dominava a imensa chapada com justiça e bondade.



Tementes ao Deus Tupã, os índios acreditavam que o todo poderoso teria enviado um ser celestial para proteger as terras da Aldeia, um misterioso pássaro, o gigante “Uba Apu Wayra” também conhecido como “canoa dos céus”, pois visto da terra em pleno voo lembrava a figura de uma canoa alada com enormes remos, navegando entre as nuvens.





Uba habitava a caverna das luzes, local que adentra a terra e que nos dias ensolarados irradiava raios dourados. Nenhum humano jamais ousou desvendar seus mistérios. Os mais velhos alertavam que ali era a morada dos deuses da floresta, e a única criatura que se avistava entrando e saindo da misteriosa caverna, era Uba, o grande pássaro, um ser místico, um semideus que podia assumir diversas formas, inclusive a humana.

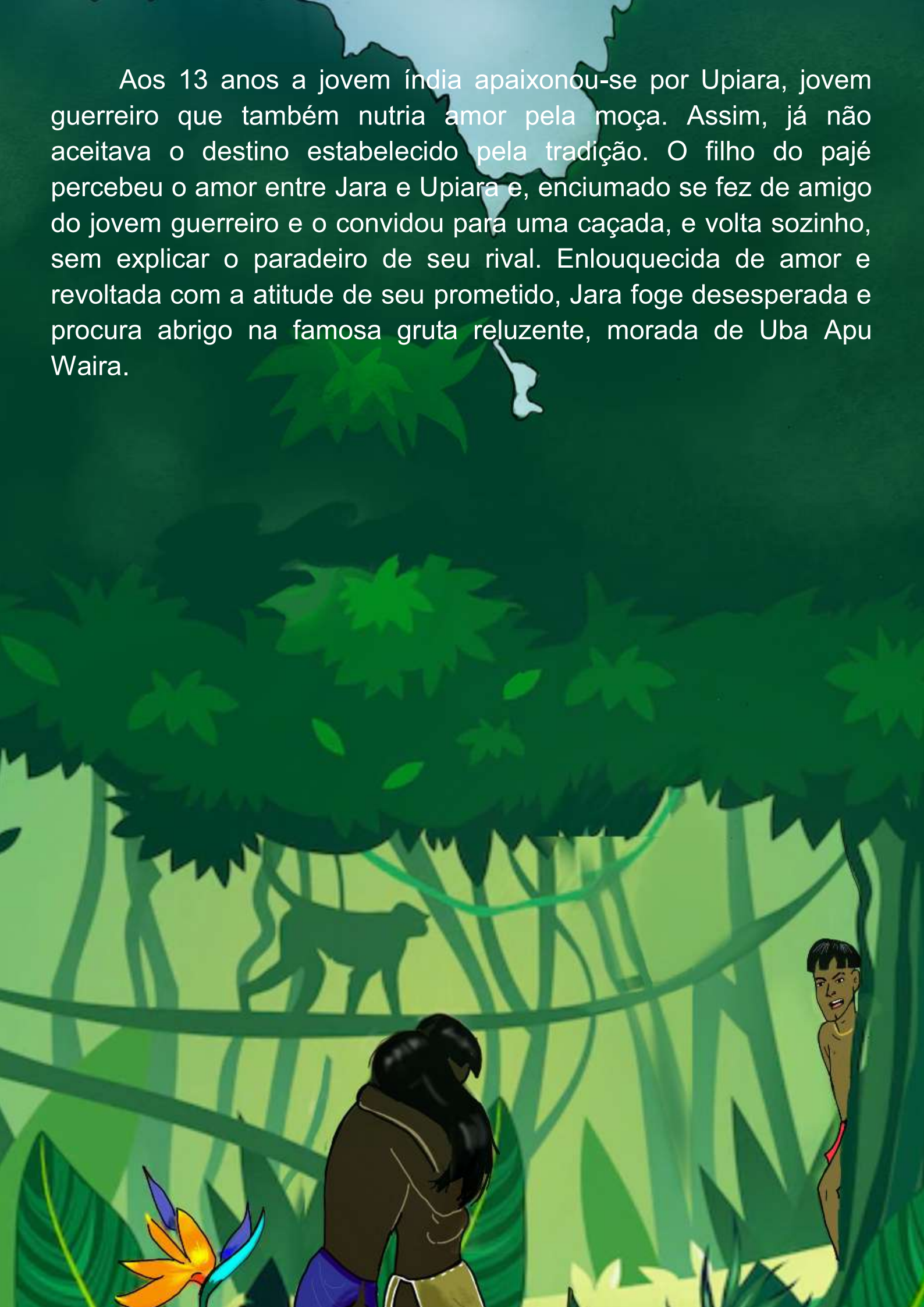




Entre as inúmeras tradições das tribos da Serra Grande, estava o costume do casamento da primeira filha do cacique como o filho primogênito do Pajé. Conseqüentemente, ao nascer, Jara, a filha do cacique Ubirajara, fora prometida a Acir, filho e sucessor do Pajé, “mãos que cura”.



Aos 13 anos a jovem índia apaixonou-se por Upiara, jovem guerreiro que também nutria amor pela moça. Assim, já não aceitava o destino estabelecido pela tradição. O filho do pajé percebeu o amor entre Jara e Upiara e, enciumado se fez de amigo do jovem guerreiro e o convidou para uma caçada, e volta sozinho, sem explicar o paradeiro de seu rival. Enlouquecida de amor e revoltada com a atitude de seu prometido, Jara foge desesperada e procura abrigo na famosa gruta reluzente, morada de Uba Apu Waira.

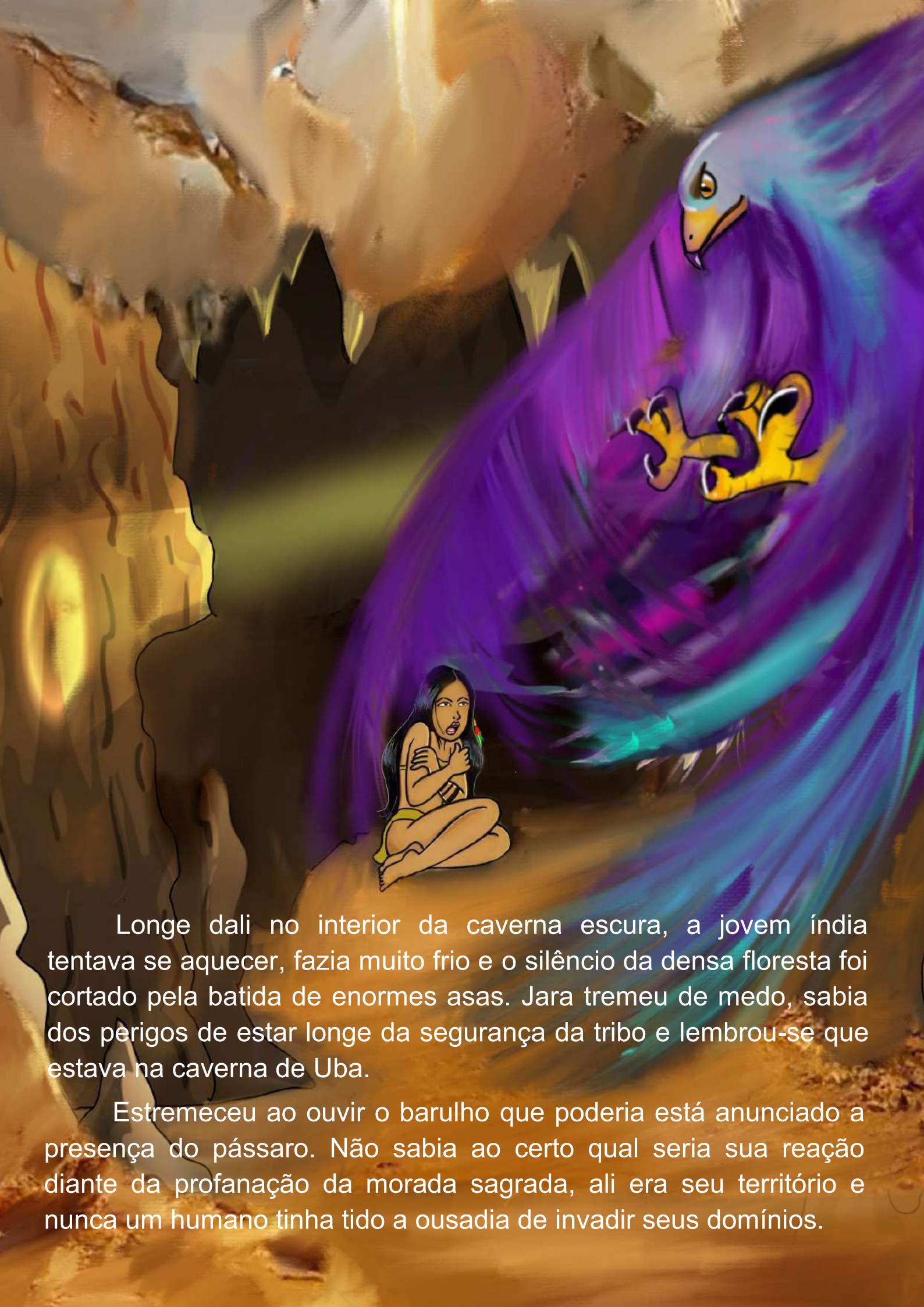




O sumiço de Jara entristeceu a aldeia, e várias buscas foram realizadas na esperança de encontrarem a jovem índia. A preocupação da tribo era porque todos sabiam que na imensidão da floresta, a jovem poderá encontrar animais selvagens, caçadores de tribos inimigas, além da figura de homens brancos, vindos de terras distantes e que costumam subjugar os índios.







Longe dali no interior da caverna escura, a jovem índia tentava se aquecer, fazia muito frio e o silêncio da densa floresta foi cortado pela batida de enormes asas. Jara tremeu de medo, sabia dos perigos de estar longe da segurança da tribo e lembrou-se que estava na caverna de Uba.

Estremeceu ao ouvir o barulho que poderia está anunciado a presença do pássaro. Não sabia ao certo qual seria sua reação diante da profanação da morada sagrada, ali era seu território e nunca um humano tinha tido a ousadia de invadir seus domínios.



Apavorada, ficou inerte no chão frio e seus olhos redondos fitava a figura majestosa de Uba, este por sua vez, ficou parado a observa-la. Ela quase morreu de tanto pavor, mas, para seu espanto, o enorme passaro aproximou-se e como por encanto, abaixou-se e com suas asas coloridas, deitou-se sobre ela, como para aquecê-la.

Jara ficou petrificada! Feliz mais ainda perturbada com o acontecido, seus sentimentos eram um misto de pavor e admiração. A criatura era enorme e de uma beleza indescritível! Sem esboçar nenhuma reação, entregou-se a situação e deixou o destino resolver sua sina.







Daquela noite em diante, um ritual se iniciava, logo ao anoitecer o grande Uba voltava para protegê-la do frio e do ataque de outros animais, que por ventura adentrasse a gruta durante a noite. E sempre aos primeiros raios do sol, saia para seu voo matinal, voltando algum tempo depois com frutas em seu enorme bico que depositava na entrada da gruta e anunciava sua chegada repetindo insistentemente: Jara! Jara! Jara!



Durante muitas luas todos da aldeia ocuparam-se na procura da jovem índia, contudo, apesar dos esforços as buscas foram inúteis, Jara não foi encontrada e jamais retornou para casa. Ubirajara ficou inconformado e nunca mais se ouviu um único som de riso em sua taba.

Acir, não aguentou o fardo da culpa e passou resto de seus dias vagando na imensidão da floresta. Relatos de povos de outras aldeias, contam que o Jovem guerreiro acabou por morrer de tristeza e solidão, porém seu corpo nunca foi encontrado.



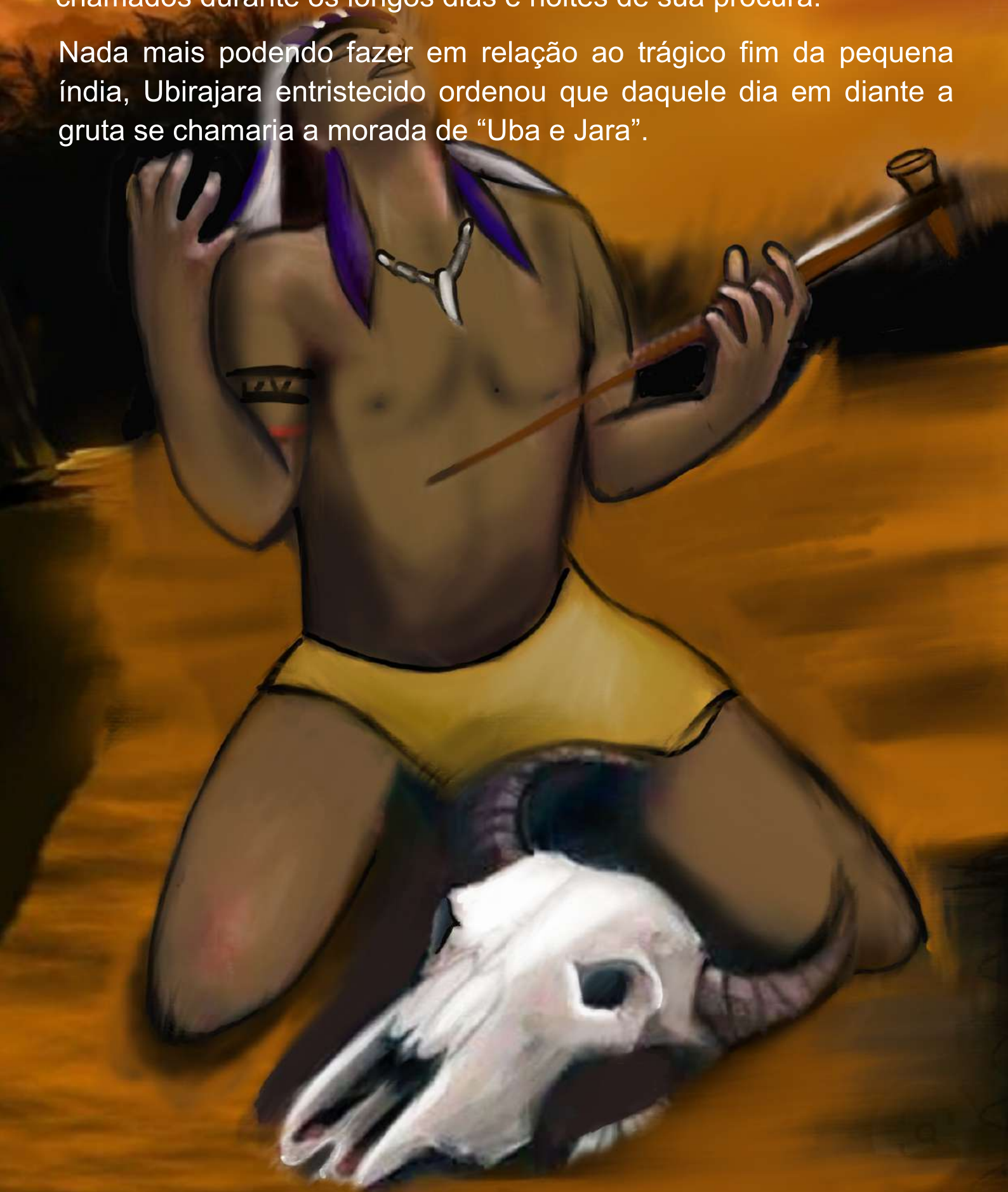
Na gruta o ritual de proteção de Uba por Jara se repetia cotidianamente. O som era tão alto que se podia ouvir ao longe e todos da tribo Tibiriçá ficavam perplexos diante daquele chamado. Um boato se espalhou por todos os recantos da serrania, dizendo que Uba sendo o mensageiro de Tupã anunciava a chegada de Jara na morada dos deuses.





Ninguém conseguiu explicar como o místico pássaro aprendeu o nome de Jara. Para o Cacique Ubirajara, o grande Uba poderia ter aprendido o nome de sua saudosa filha, ao ouviu os diversos chamados durante os longos dias e noites de sua procura.

Nada mais podendo fazer em relação ao trágico fim da pequena índia, Ubirajara entristecido ordenou que daquele dia em diante a gruta se chamaria a morada de “Uba e Jara”.

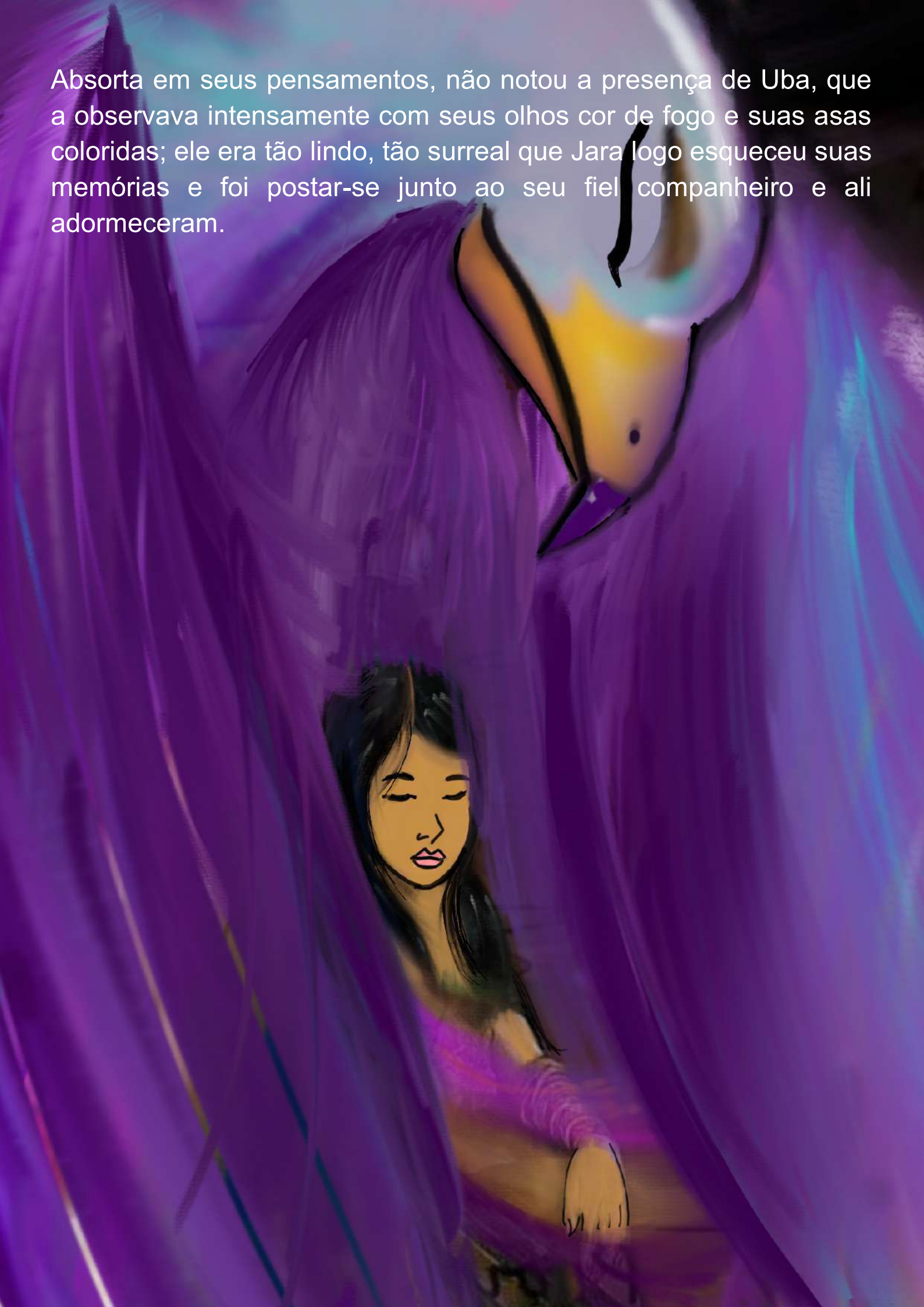




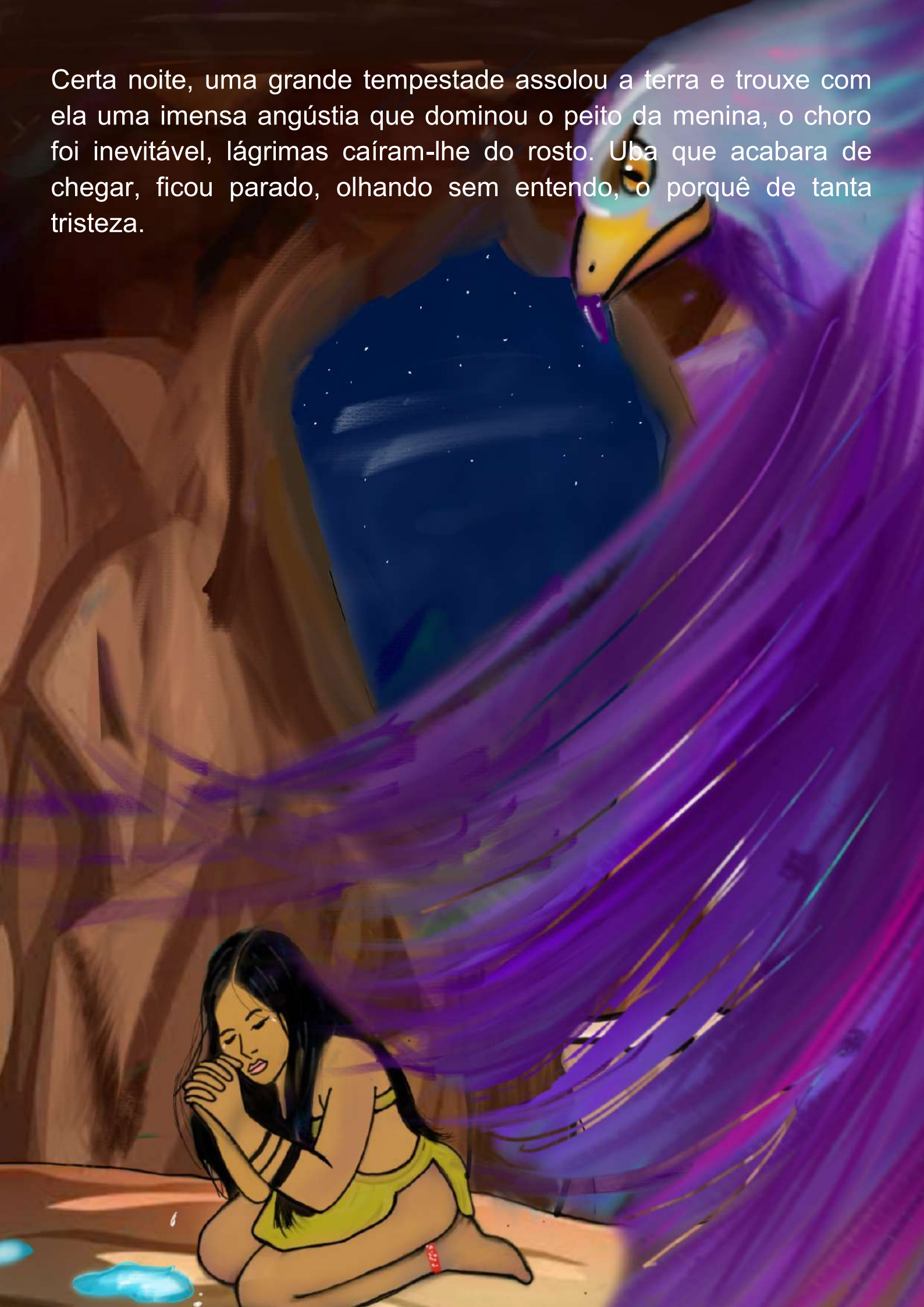
Na gruta, os dias se passaram e a solidão tomou conta de Jara, que sentia falta da companhia da família e dos amigos, dos passeios pela mata, dos banhos nas cachoeiras e riachos. Ainda podia ouvir os gritos alegres das crianças, sentia o afago da mãe e lembrava dos conselhos do pai, porém o que mais doía era recordar do olhar apaixonado de Upiara, e do triste fim de seu romance.



Absorta em seus pensamentos, não notou a presença de Uba, que a observava intensamente com seus olhos cor de fogo e suas asas coloridas; ele era tão lindo, tão surreal que Jara logo esqueceu suas memórias e foi postar-se junto ao seu fiel companheiro e ali adormeceram.



Certa noite, uma grande tempestade assolou a terra e trouxe com ela uma imensa angústia que dominou o peito da menina, o choro foi inevitável, lágrimas caíram-lhe do rosto. Uba que acabara de chegar, ficou parado, olhando sem entender, o porquê de tanta tristeza.



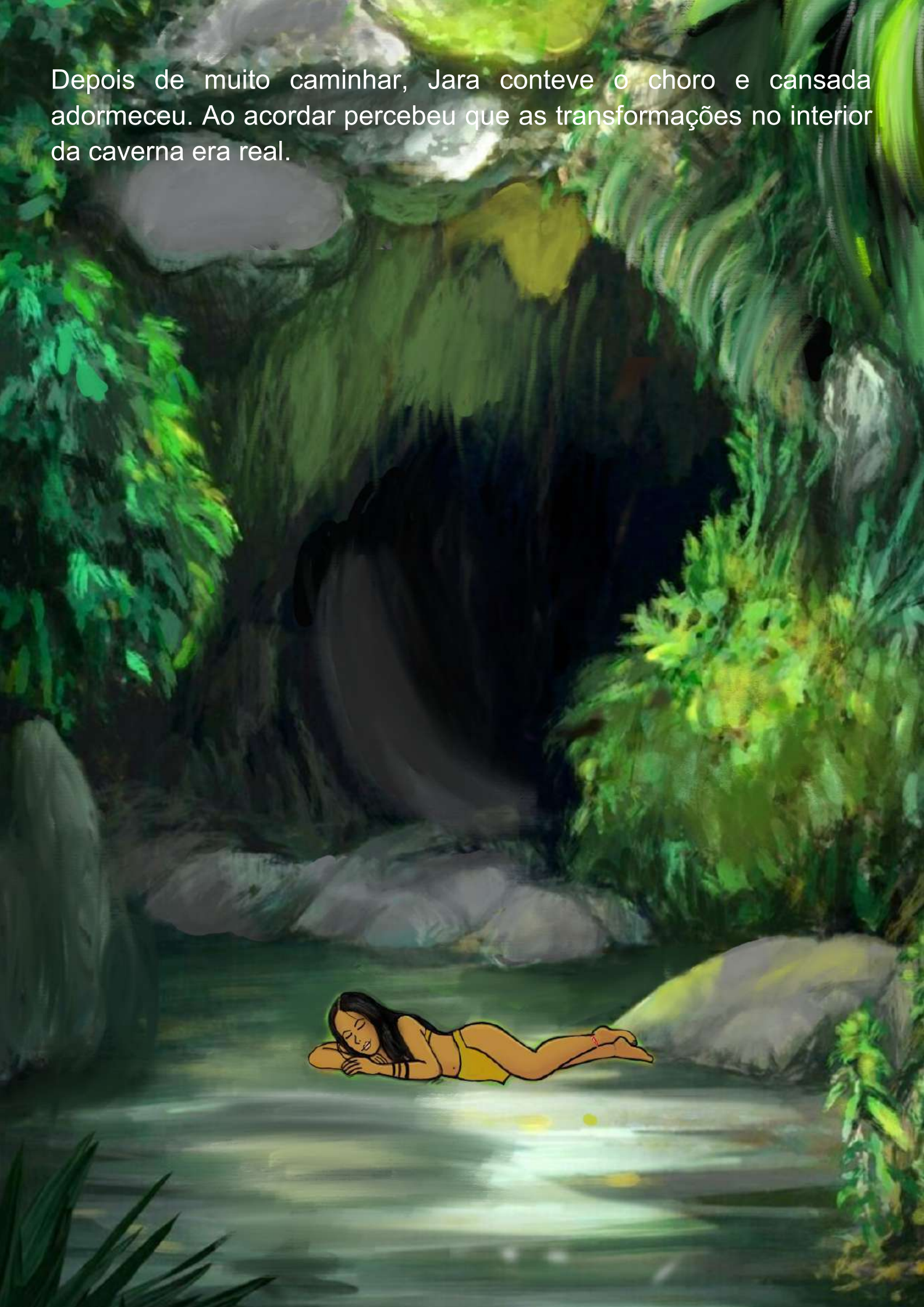


De repente algo inexplicável começou a acontecer diante dos olhos de Jara, suas lágrimas ao simples contato com as águas da chuva, transformavam-se em pequenos cristais que como mágica deslocavam-se grudando nas paredes e teto da gruta. Sem entender o que estava acontecendo, Jara estava encantada e assustada ao mesmo tempo, fugindo começou a percorrer os labirintos e adentrou para o interior da gruta. Uba acompanhava de perto, altivo e silencioso.





Depois de muito caminhar, Jara conteve o choro e cansada adormeceu. Ao acordar percebeu que as transformações no interior da caverna era real.







Os dias passaram e a jovem moça se ocupava em admirar o mundo surreal que se descortinava a sua frente, tudo era tão lindo, tão deslumbrante que Jara esqueceu a própria tristeza e passou a gostar cada vez mais da companhia de Uba.

Havia muito a admirar e ocupada em vislumbrar todos os mistérios da gruta, Jara começou a batizar os espaços de acordo com as formações encontradas em cada um, assim nasceu o corredor das maravilhas, a sala das rosas, dos Sinos, das cortinas, dos retratos, dos Seios, do Índio e do presépio.



Muitas luas se passaram e Jara, agora uma jovem adulta, dominava todos os espaços, era senhora de tudo, desde a entrada da caverna até o local da lagoa de águas claras, de um azul que parecia imitar o céu. Contudo, apesar da beleza, algo estranho acontecia na lagoa. Era impossível banhar-se em suas águas. Jara já tentara, mas ao primeiro mergulho, uma sensação de sufocamento a dominava, fazendo-a sair da água imediatamente. Nem Uba se aproximava de suas margens.

Percebeu ainda que não havia vida na lagoa, suas águas límpidas não refletiam qualquer presença de animais. Até os morcegos, animais abundantes na gruta, não se atreviam a beber de suas águas.



E assim, os dias corriam tranquilamente, até que certa noite, a bela índia foi acordada com estranhos sons de passos, vozes e risadas que ecoavam na escuridão da noite, soando como uma alerta de perigo.

Assustada correu para a entrada da caverna e viu estranhas figuras. Gesticulavam e falavam sem parar. Conhecia muito bem a maldade do homem branco e temeu pela sua segurança e de seu amigo inseparável.



Receosa de ser vista, correu entre os labirintos até chegar a lagoa azul, e pela primeira vez, venceu o medo e nadou até a outra margem, onde sentiu-se segura. Sabia do encantamento e que sua travessia era impossível. Confiante, permaneceu ali durante muito tempo, trêmula e perdida em seus pensamentos.

Exausta acabou dormido. Foi acordado pelo chamado de Uba, que gritava insistentemente: Jara! Jara! Jara! e só se calou quando ela o seguiu.

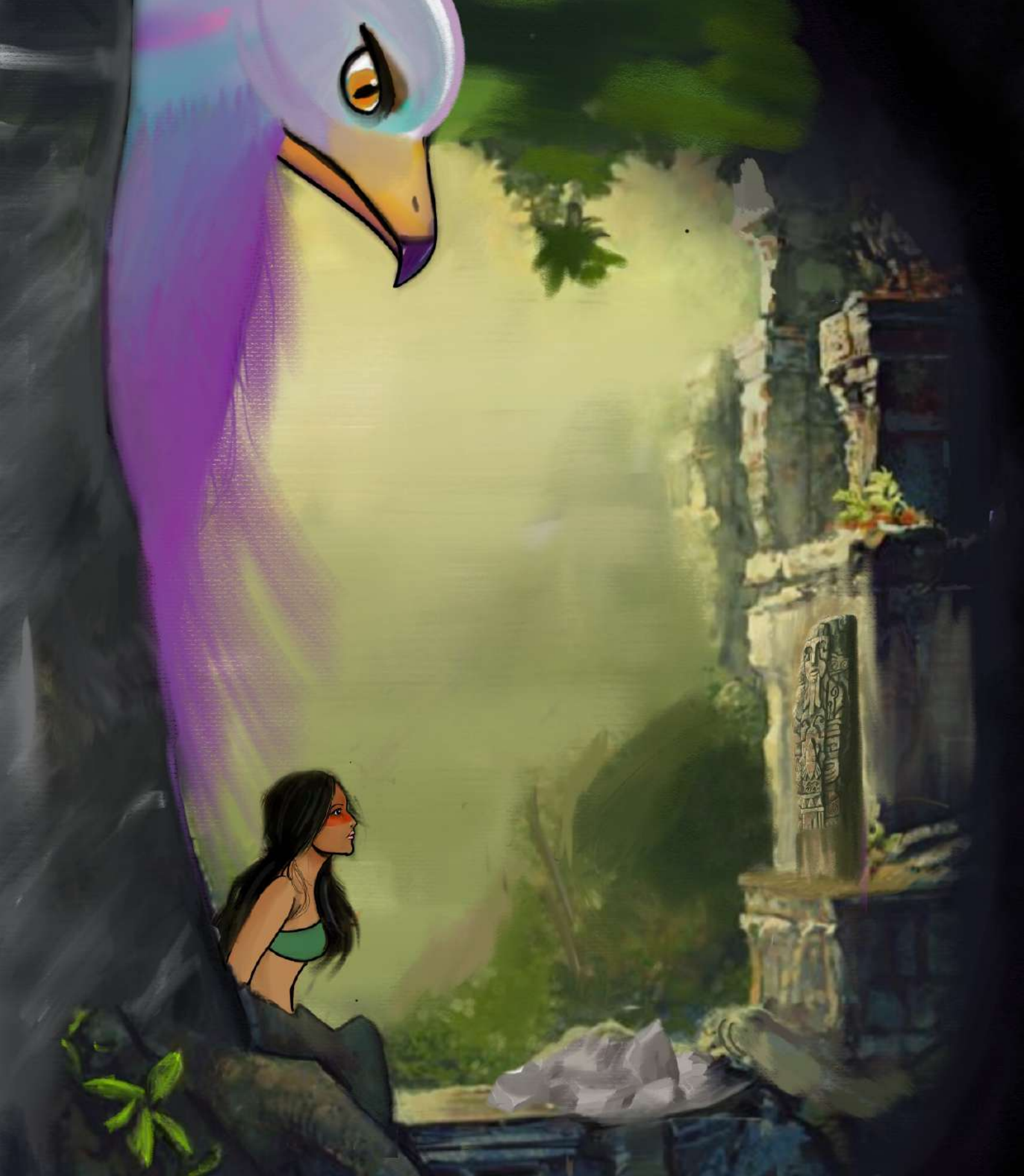




Caminharam juntos, por entre os corredores escuros até que avistaram a luz do sol.

Para surpresa de Jara, a claridade indicava uma fenda do lado oposto da entrada da caverna, sinalizando um novo mundo. Frente ao desconhecido, foi encorajada por Uba que seguiu altivo e cruzou o inebriante portal. Tudo ali era diferente, o lugar era repleto de pedras e fazia um calor intenso.





Uba bicava delicadamente seu braço, e qual não foi sua surpresa, bem ali a sua frente, diante de seus olhos, algo inesperado aconteceu. Como por encanto, surgiram majestosas formações esculpidos nas rochas, figuras de animais, plantas e outros objetos.



O dia ainda lhe reservava outra surpresa. Quando os raios do sol começaram a desaparecer, o maior dos mistérios aconteceu, o místico pássaro entrou em metamorfose e um lindo homem se prostrou diante da jovem. Extasiada se viu nos braços dele, beijando-o apaixonadamente.





Diz a lenda que ainda hoje, aos primeiros raios do sol, é possível se avistam perto da gruta um pássaro gigante, e se ouvem gritos, ecoando: “Jara, Jara, Jara”.





## Vânia Maria de Vaconcelos Farias

Vânia Vasconcelos nasceu no dia 10 de junho de 1968, em Tianguá-Ceará. Apaixonada pela cultura popular vive entre narrativas orais e escritas. A escritora é uma mulher menina daquelas que gosta de escutar, escrever e conta histórias. Ama a literatura infantil com seus contos, lendas e fábulas recheadas de estórias fantásticas onde tudo é possível até transitar entre o real e o imaginário. Neste mundo da fantasia já escreveu vários livros e leva suas narrativas até as crianças de forma lúdica, cantando e contando suas escritas em escolas e espaços culturais. Professora de Arte e Cultura, agente cultural, escritora, pesquisadora da cultura popular. Contadora de história, palestrante, projetista e produtora cultural, com diversos livros publicados



## Jessica Maria Pinheiro da Silva

Nasci em Manaus, em janeiro de 1993, desde criança já era fascinada pela arte, especialmente por histórias em quadrinhos, logo comecei estudar “desenhos realista de pessoas”, aos 17 anos ja desenhava profissionalmente, em 2019 tive meu primeiro contato com o universo da tatuagem, desde então exerço a profissão de tatuadora, fico muito feliz pela oportunidade de poder ilustrar este livro.



## iury Kauê de Jesus Mouta

Nasci em Junho de 1997, em Tianguá-Ce, sou um verdadeiro amante da arte visual e artes marciais, quando criança gostava de desenhar, escrever, criar poemas e poesias. aos 13 anos de idade cursei design gráfico, aos 17 anos comecei atuar profissionalmente, hoje trabalho com ilustração, criação de identidade Visual, criação de estampas e silk screen (pintura artesanal em camisetas ou tecidos). Me sinto honrrado com a oportunidade de ilustrar esta obra.